

Título: *Bresser Pereira: Poder simbólico e legitimidade científica na construção dos termos da Reforma Social Liberal do Estado Brasileiro.*<sup>1</sup>

As temáticas “crise” e “reforma” do Estado possuíram amplo destaque na cena pública da América Latina na passagem dos anos 1980 para a década de 1990, adquirindo na agenda política e intelectual da região contornos de pontos substanciais. Atingidos pela crise da “dívida externa” e pelo esgotamento do modelo de desenvolvimento econômico e industrial *desenvolvimentista*, adotado desde os anos 1930, a temática invariavelmente se impôs para políticos e intelectuais inseridos no debate econômico. No Brasil, especificamente, o economista e cientista social Luiz Carlos Bresser-Pereira elaborava, em fins dos anos oitenta, suas primeiras formulações acerca da crise do Estado, ao buscar explicações para a desaceleração da acumulação capitalista nos países centrais e que colocava em xeque nestes países, o modelo de Estado de Bem Estar social adotado desde a Segunda Guerra Mundial. Bresser-Pereira, intelectual “acadêmico” e “orgânico” (no sentido gramsciano da expressão), prendendo-se a uma interpretação excessivamente conjuntural e economicista da crise, desenvolveu a sua *teoria sobre a crise do Estado*, lhe atribuindo um caráter cíclico. Afirmava Bresser, naquele contexto, na universidade e fora dela, que “se o Estado havia sido um instrumento de ação coletiva que assegurou taxas elevadas de crescimento no pós Segunda Guerra, era agora a sua própria crise que levava à redução dessas taxas”.<sup>2</sup>

Pretende-se fazer aqui um esboço de análise da produção intelectual, no campo acadêmico, de Luiz Carlos Bresser-Pereira no que tange à problemática crise e Reforma do Estado no Brasil. À luz do instrumental teórico *bourdieiano* optamos por algumas categorias centrais para empreender esta análise. Seguem-se: *campo científico*, *capital simbólico-científico* e *dominação simbólica*. Categorias teóricas que, a nosso ver, muito bem ilustram dois aspectos da trajetória intelectual e política de Bresser e que se constituem o escopo de nossa análise: a rede de sociabilidade intelectual (formada por economistas, teóricos da área de Administração e cientistas sociais) produzida e reproduzida por ele dentro do *campo científico* a partir das fileiras da Escola de

---

<sup>1</sup> Leonardo Brito. Professor do Departamento de História do Colégio Pedro II- RJ/ Doutorando em História Social pelo PPGH/UFF. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> BRESSER-PEREIRA, L.C. *Economista ou Sociólogo do Desenvolvimento*. In NAKANO, Y. REGO, J. M. & FURQUIM, L. p. 534.



Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas / São Paulo (EAESP-FGV). E, da mesma forma, como a partir desta rede, Bresser se tornaria um dos principais teóricos (dotado de um considerável capital científico) de um modelo de reestruturação do Estado brasileiro, em vigor alguns anos mais tarde, a partir da chegada do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) à presidência da República em 1994.

### **O Campo científico: a trajetória acadêmica do economista Bresser Pereira.**

Dentro da vasta obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), *campo* é um conceito que possui primazia incontestada, ocupa aquilo que qualificamos como *estruturante* de sua produção sociológica.<sup>3</sup> Bourdieu produz sua observação do mundo social fragmentando-o em *dimensões* que gozam de relativa autonomia entre si. Espaços estes que são denominados *campos* e que são definidos por serem “espaços estruturados de posições, onde os agentes atuantes neste *campo* estão em constante concorrência entre si pelos troféus específicos, seguindo sempre regras específicas”. (BONNEWITZ, 2005:60). Neste sentido, é aspecto essencial para entender as regras de funcionamento e interação deste campo – seja ele artístico, literário, científico, econômico ou propriamente o campo político (Estado)- é a disputa de poder intrínseca a ele. Segundo o sociólogo Patrice Bonnewitz, comentando definições teóricas de Bourdieu, campo é uma categoria que pode ser analisada pelo seguinte viés:

“(…)Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irreduzíveis

---

<sup>3</sup> O mais importante sociólogo francês da 2ª metade do século XX, Pierre Bourdieu é dono de vasta obra no campo da sociologia política “pública” e “reflexiva”. Produziu os mais importantes referenciais metateóricos sobre o “campo científico” e as propriedades específicas deste “campo científico”. Em linhas muito gerais, as categorias centrais para compreensão da obra de Bourdieu são: *campo*, *capital* (não apenas capital econômico) e *habitus*.

às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes.<sup>4</sup>

No que tange à análise das disputas inerentes à lógica de funcionamento dos campos (especificamente, busquemos aplicar esta teorização ao campo científico) Bourdieu é ainda mais enfático ao afirmar que: “Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas a disputar o jogo, dotadas de *habitus*<sup>5</sup> que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.”. E, nesta disputa no *campo científico*, invariavelmente, o que se busca é o monopólio da violência simbólica legítima, traduzida na legitimidade da produção científica do pesquisador. Legitimidade esta que se materializa no reconhecimento das contribuições científicas desse mesmo pesquisador diante de seus pares na universidade. Prestígio adquirido através das inegáveis contribuições para o avanço científico, em especial no campo das ciências humanas (no qual podemos incluir Bresser-Pereira como um analista filiado à heterodoxia econômica que se contrapõe aos monetaristas neoclássicos) a elaboração de interpretações acerca da realidade social. Não obstante, deferência e legitimidade também obtidas através da ocupação de postos acadêmicos e obtenção de títulos que distinguem estes intelectuais de seus pares na universidade e o fazem acumular neste percurso, capital científico institucional. No caso de Luiz Carlos Bresser-Pereira, destaca-se sua trajetória bem sucedida, desde 1959, como professor universitário na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getulio Vargas–SP (EAESP-FGV). Percorrendo todos os degraus previstos, de auxiliar de ensino à condição de docente emérito. Ocupou também outros espaços burocráticos de gestão institucional dentro da Escola de Administração de Empresas, chefiando departamentos, presente em comissões existentes no organograma administrativo da Escola e fundando na década de

---

<sup>4</sup> BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2005. P. 60. A vastidão, o caráter errático da apresentação dos conceitos e muitas vezes a prosa impenetrável da sociologia de Bourdieu (suas *marcas de distinção*) nos impelem, além da análise da obra do próprio, à remissão a comentadores da obra do sociólogo francês. São eles aqui apresentados: Patrice Bonnewitz, Louis Pinto e Michel Burawoy. Vide Bibliografia.

<sup>5</sup> Categoria fundamental para a inteligibilidade da teoria sociológica política de Bourdieu: é definido como um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funcione como um sistema de esquemas geradores para apreensão/compreensão/intervenção no mundo social por indivíduos ou por grupos sociais específico. Bourdieu faz uma clara exposição do conceito em conferência ministrada na École Normale Supérieure para um grupo de filólogos e historiadores da arte, em novembro de 1976: *Algumas propriedades dos campos* In BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983. P. 89.



1970 o renomado Departamento de Economia da EAESP-FGV, embrião do que se tornaria, décadas mais tarde, a Escola de Economia da referida instituição.<sup>6</sup>

A “sociologia clínica” de Bourdieu acerca do *campo científico* produz uma relevante contribuição para a compreensão dos meandros da rede de sociabilidade produzida por intelectuais como Bresser-Pereira, em especial no que tange às propriedades específicas

deste campo. Propriedades estas que evidenciariam a autonomia, ainda que relativa, deste campo em relação ao mundo social em geral. Quanto à disputa de poder no *campo científico*, Bourdieu é enfático ao constatar que: “A luta científica é uma luta armada entre os adversários que possuem armas tão potentes e eficazes quanto o capital científico acumulado no e pelo campo”.<sup>7</sup> Esta luta científica se circunscreve no tamanho da produção teórica e acadêmica propriamente dita, na organização de conferências, simpósios, e eventos na universidade – e alguns momentos fora dela – e, no limite, no impacto que tal produção intelectual/científica produz nesta comunidade acadêmica. Dessa forma, “todo conflito intelectual é um conflito de poder. Toda estratégia de um erudito comporta, ao mesmo tempo, uma dimensão política e uma dimensão científica”.<sup>8</sup> Coaduna-se, de fato, a esta interpretação sociológica do campo científico o itinerário de Bresser Pereira na universidade. Uma trajetória que, em fins dos anos 1980, já se encontrava consolidada. Naquela altura, o já livre docente<sup>9</sup> em economia, Bresser-Pereira, retomava suas atividades cotidianas como professor e pesquisador no departamento de Economia da EAESP/FGV, após passagem em cargos de primeiro e segundo escalão do governo do Estado de São Paulo e no governo federal. Na administração pública foi, entre março de 1983 e maio de 1985, presidente do Banco do

---

<sup>6</sup> Bresser fundou ao lado do economista Ary Bouzan, em 1970, o Departamento de Economia da FGV/SP, sendo o primeiro diretor desse departamento (1970-73). Em 2003 foi na criada na FGV a Escola de Economia de São Paulo, onde desde então Bresser oferece, ao lado do economista José Marcio Rego a disciplina “Interpretações do Brasil” cursos de graduação e pós-graduação em economia. Participou também em 1970 da fundação de outro importante centro de Estudos de ciências sociais em São Paulo, o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

<sup>7</sup> BOURDIEU, P. *Os usos sociais da Ciência – Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo. Editora Unesp. 1997. P. 32.

<sup>8</sup> Idem. p 41.

<sup>9</sup> Bresser obtém seu título de livre docente na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP) em 1984 com a tese *Lucro, acumulação e crise*, publicado dois anos mais tarde com título homônimo.



Estado de São Paulo (BANESPA) e no biênio 1985-1987, titular da Secretaria de Governo da gestão peemedebista Franco Montoro. Secretário de Ciência e Tecnologia do governo Orestes Quécia (1987-1991), onde permaneceu por pouco mais de um mês e, finalmente, no plano federal, Ministro de Estado da Fazenda, de março a dezembro de 1987. Neste último ficaria marcado pelo fracasso do Plano de Estabilização Macroeconômica aplicado na época e alcunhado pela imprensa brasileira como *Plano Bresser*.

Vale observar que o capital simbólico científico de Bresser fora, sem dúvida alguma, potencializado por sua paralela e orgânica participação político-partidária. Após anos de militância nas fileiras peemedebistas, Bresser se empenhara ao lado de figuras como Mario Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Serra na dissidência que formaria em 1988 o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).<sup>10</sup> Teorizando e participando daquilo que sempre qualificara como “Terceira Via”, Bresser-Pereira exerceu não apenas um papel de formulador das orientações do novo partido, mas também de atuação como dirigente, sendo membro do diretório nacional entre 1988 e 1995. Ainda, par e passo a sua atuação acadêmica e partidária, Bresser ainda consolidaria uma profícua trajetória (que começara no início dos anos 1960) no meio empresarial, à frente da direção do Grupo Pão de Açúcar, de propriedade de Abílio Diniz. Além desta atuação direta e efetiva na gestão do referido grupo empresarial, Bresser foi no decorrer de sua trajetória profissional consultor econômico em conselhos de importantes organizações do segmento industrial empresarial-financeiro do país, como a Associação Comercial do Estado de São Paulo, a Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) e a Federação de Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Esta trajetória profissional múltipla no Estado, na universidade e no meio empresarial *stricto sensu* contribuíra de forma inegável para a acumulação de capital intelectual/científico necessário para fazer valer o *poderio simbólico*<sup>11</sup> de suas formulações teóricas, bem como os diagnósticos acerca das novas relações entre Estado e sociedade civil no Brasil, propostas pelos termos da Reforma “gerencial” (neoliberal) que começavam a serem delineados naquele contexto.

---

<sup>10</sup> GUIOT, André. *Um Moderno Príncipe para Burguesia Brasileira: o PSDB (1988-2002)*. Dissertação de Mestrado, UFF. 2006. Op. cit.

<sup>11</sup> “Poder simbólico” é uma categoria *bourdiesiana* que pode ser definida como um “poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica (sentido imediato do mundo)” BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. 2003. P.9.

A sociologia dos intelectuais *bourdieusiana* também nos oferece uma valiosa contribuição para reflexão acerca da dinâmica das relações de poder no campo científico (universitário, de forma mais precisa) no longo trabalho *Homo Academicus*, publicado em 1984.<sup>12</sup> Tal obra, especificamente, insere-se no conjunto de reflexões do sociólogo francês acerca da escola e do sistema de ensino naquele país. Ao lado de *Les héritiers*, de 1964, e de *A Reprodução*, de 1970 (no Brasil, publicada em 1975) e *La noblesse d'Etat*, *Homo academicus* dedica-se a compreensão das formas de reprodução do capital simbólico científico nas instituições universitárias francesas. “Se propõe a construir uma espécie de ‘topografia social e mental’ do mundo universitário, e procura demolir o *Homo academicus*, classificador entre classificadores”.<sup>13</sup> Bourdieu se apresenta como um investigador do intelectual que, segundo ele mesmo, se trata de um *indivíduo empírico* e um *indivíduo epistemológico*, ou seja, o intelectual como objeto de estudo e ao mesmo tempo produto de suas próprias análises. O primeiro capítulo, cujo título “Um livro para queimar”, instiga o leitor e é especialmente provocador no sentido de buscar revelar o “segredo de sua tribo” (os intelectuais): “Sabe-se que os grupos não gostam muito dos que traem um segredo, sobretudo quando a transgressão ou a traição se protege sob os valores mais altos”.<sup>14</sup> Bourdieu e sua sociologia clínica revelam que os trabalhos de construção intelectual destes agentes que ocupam socialmente a função de intelectuais produzem efeitos, implicam em responsabilidades e reproduzem o capital simbólico daqueles que possuem lugares privilegiados no campo científico, que opera também necessariamente como dimensão de campo de poder. Analisar a “população” dos professores universitários mais “poderosos” e menos “poderosos” é um exercício descritivo que Bourdieu lança mão em *Homo academicus*.

Esse exercício epistemológico sobre o campo científico (no qual Bourdieu é parte integrante) produziu uma valiosa sociologia dos intelectuais. A forma como esses compõem redes de sociabilidade intelectual, ocupam espaços institucionais nas universidades mais prestigiosas, bancas, orientações de trabalhos acadêmicos, conselhos editoriais de Revistas científicas de destaque e espaços de gestão institucional nas universidades ou centro de pesquisas, que os permitem se constituírem classificadores em

---

<sup>12</sup> Publicado em português apenas em 2011. BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Florianópolis. Editora UFSC.

<sup>13</sup> VALLE, Ione Ribeiro. *Ler Homo academicus* (apresentação ao texto de Pierre Bourdieu). Editora UFSC. 2011.

<sup>14</sup> BOURDIEU, P. Op. cit. 2011. P. 25.

relação aos demais. Hierarquização que faz destes intelectuais, *homo academicus*, detentores de inegável capital simbólico científico no campo universitário. O objeto de estudo de Bourdieu, como já mencionado, é o sistema universitário francês, em especial uma das mais destacadas instituições a Sorbonne. No entanto, a reflexão proposta por ele nos fornece importantes ferramentas teóricas para compreender a trajetória de intelectuais no Brasil, como Bresser-Pereira, que se consolidam como intérpretes da realidade social. O itinerário e as *marcas de distinção* adquiridas por Bresser ao longo de sua carreira acadêmica são fundamentais para a formação do intelectual/ideólogo dos diagnósticos sobre crise e Reforma do Estado. Não apenas: são importantes para a legitimação do *policy maker* quando este ocupa o posto chave (O MARE) para aplicação do corolário acerca da Reforma do aparelho de Estado.

Além de todos os degraus possíveis ocupados por Bresser-Pereira no decorrer de sua trajetória acadêmica na FGV-SP, os dados mostram também os títulos acadêmicos honoríficos recebidos por ele fora da Fundação Getúlio Vargas. Entre 1962 e 1990 as posições de gestão institucional na FGV foram diversas, algo que evidencia os espaços percorridos para construção de seu próprio itinerário e para a formação de uma rede de sociabilidade científica que teve Bresser-Pereira como o principal vértice. Corroborar para a construção deste *capital simbólico* científico sua participação desde o início dos anos 1960 em associações internacionais de macroeconomia keynesiana.

Interessante observar a atuação de Bresser-Pereira nos Programas de Pós Graduação em Administração de Empresas da EAESP-FGV e no Programa de Pós Graduação em Economia da EESP desta mesma instituição. A rede de professores universitários e economistas com plena atuação no mercado financeiro que obteve sua *marca de distinção* acadêmica, científica, bem como o itinerário profissional construído em boa medida em função de suas aproximações com Bresser. Dos 36 orientandos de doutorado e de mestrado na FGV-SP (tanto em economia, quanto em Administração) a maior parte consolidou suas próprias carreiras acadêmicas (sete deles na própria FGV, na EAESP, na EESP ou em ambas).<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Alguns deles como Valquíria Silva (ex-orientanda de doutorado em economia), Carmen Augusto Varela (idem) e Mariane Massuno (ex-orientanda de Mestrado em Administração Pública e Governo), como fora mostrado, ocuparam cargos em agências estatais em administrações do PSDB.

À luz da reflexão formulada pela sociologia bourdiesiana, e observando os itinerários construídos por Bresser-Pereira no campo científico, podemos afirmar que o ex-ministro é daqueles intelectuais possuidores das chamadas “duas espécies de capital científico”: “De um lado, um poder que se pode chamar de temporal (ou político), poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas”<sup>16</sup> – basta ver as universidades e centros de pesquisa frequentados por Bresser no país e fora-. Prossegue Bourdieu: “os lugares ocupados na direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação, etc., bem como o controle sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos, etc.)”. A outra “modalidade” de *capital científico*, do qual Bresser também é possuidor, é o “prestígio” pessoal, mais ou menos independente de seu próprio capital científico institucional. Em outras palavras, o poder obtido pelo reconhecimento entre os pares eruditos. O reconhecimento de que este (Bresser) contribuía de alguma forma para a inovação científica, para o avanço do conhecimento econômico e das ciências sociais em geral. Façamos jus a ideia sempre defendida por Bresser de que a ciência econômica não se restringe à cálculos econométricos ou modelos hipotéticos tais quais pensados por microeconomistas e ortodoxos neoclássicos em geral. Tal noção se justifica na produção acadêmica de Bresser-Pereira, na medida em que ultrapassa em muito os debates restritos à macroeconomia.

Acerca destas duas “espécies” de *capital científico* o sociólogo francês faz uma pertinente análise sobre as formas de acumulação destes *capitais simbólicos*. Possuiriam “leis de acumulação diferentes: o capital científico ‘puro’ (as aspas são propositais para diferenciar o que Bourdieu chama de capital científico institucional) adquirir-se-ia principalmente pelas “contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou descobertas – as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e prestigiosos a conferir prestígio ao acadêmico que se faz presente em tais publicações.”<sup>17</sup> Bourdieu nos oferece uma valiosa ferramenta teórica para a compreensão das redes de sociabilidade intelectual erigidas por Bresser ao longo de sua vida acadêmica. Avançando nesta teorização, no entanto, entendemos que o capital científico “puro” adquirido pelo economista Bresser-Pereira não foi obtido sem a relação direta com os espaços de poder

---

<sup>16</sup> BOURDIEU, P. *Os Usos Sociais da Ciência*. Op. cit. p. 35.

<sup>17</sup> BOURDIEU, P. Op. cit. p. 36.

ocupados por ele na instituição universitária que o abrigou profissionalmente por toda a vida. As estratégias políticas construídas por ele ao longo de sua trajetória (entenda-se tais estratégias como participação em bancas de teses, orientações, concursos, reuniões científicas, aulas magnas) foram absolutamente fundamentais para sua própria legitimação intelectual e perante os seus pares eruditos. A partir disso, se reconhece a acumulação de capital simbólico científico adquirido ao longo de sua vida universitária.

As orientações de pesquisas de pós-graduação ilustram a capacidade que Bresser teve de eleger aqueles que, de alguma forma se colocam (ou foram colocados) como “herdeiros” deste capital científico institucionalizado, do qual Bresser-Pereira é possuidor e estaria, em termos *bourdieusianos*, no topo da hierarquia deste campo científico entre os economistas e administradores formados nas fileiras da EAESP e da EESP-FGV. Tal capital científico institucionalizado é em boa medida transmitido aos seus ex-alunos, em especial aqueles que conseguem construir e consolidar suas próprias trajetórias acadêmicas profissionais em programas de pós-graduação em economia e administração de diversas instituições públicas e privadas. É importante ressaltar que tais redes não se constroem apenas nos espaços universitários *stricto sensu*. No caso de Bresser-Pereira, alguns de seus alunos tornaram-se assessores diretos quando este assumira cargos do 1º escalão em agências estatais (em São Paulo e no governo federal).<sup>18</sup>

Vale dizer ainda que estas redes de sociabilidade erigidas dentro do campo científico, necessariamente hierarquizadas, transmitem, além do capital científico institucional, o capital científico “puro”. O que dizer das homenagens acadêmicas, títulos honoríficos e insígnias recebidas por Bresser ao longo de sua trajetória na universidade. Seriam exemplos notórios de “servilismo interessado” originários daqueles que de, de alguma forma, suas carreiras dependem ou dependeram do homenageado? Ou o reconhecimento sincero das contribuições científicas de Bresser à economia e às ciências sociais no Brasil? Uma ou outra, o que é importante observar que o campo científico no qual necessariamente Bresser-Pereira faz parte é uma estrutura fortemente hierarquizada. Estabelece, de forma clara, aqueles que estão em condição de domínio e aqueles intelectuais que se situam numa condição subordinada. Os conflitos intelectuais, bem como todas as estratégias de inserção e consolidação dos agentes neste campo científico

---

<sup>18</sup> Além dos casos citados, vale ressaltar também a trajetória profissional da administradora Cláudia Maria Costin que chegou a ser Secretária Executiva do Ministério Extraordinário da Reforma do Estado, entre 1995 e 1998.

são também necessariamente conflitos de poder. A ferramenta teórica proporcionada por Bourdieu para a sociologia destes campos científicos joga luz ao axioma: toda estratégia de um intelectual – bem como daqueles que lhes são tributários- são estratégias de poder, de acúmulo de poder, ou simplesmente de legitimação de suas próprias posições neste dado campo social.<sup>19</sup>

O paroxismo dessa relação de poder, no que tange ao itinerário acadêmico profissional de Bresser Pereira pode ser evidenciado pela homenagem ao economista e ex-ministro organizada por seus pares quando este completara setenta anos de vida em 2004 (no ano seguinte Bresser chegaria à condição de docente emérito na FGV-SP). *Em Busca do Novo: O Brasil e o Desenvolvimento na Obra de Bresser Pereira*, organizada pelos economistas Yoshiaki Nakano, José Marcio Rego e Lilian Furquim é um exemplo claro de reverência ao “mestre Bresser”.<sup>20</sup> A obra é uma extensa coletânea (com quase 700 páginas) e conta com uma miríade de colaboradores, todos, ex-alunos, colegas de EAESP-FGV, ex-assessores à época em que Bresser ocupara cargos no aparelho de Estado, empresários e banqueiros ilustres (amigos pessoais) do economista como Abílio Diniz (proprietário do Grupo Varejista Pão de Açúcar e empregador de Bresser no meio empresarial) e Fernão Bracher<sup>21</sup> (ex-presidente do Banco Central e ex-diretor presidente do Conselho de Administração do Banco Itaú). Dividido em cinco partes o livro apresenta incursões sobre as diferentes temáticas abordadas por Bresser-Pereira ao longo de sua produção acadêmica. A sua “visão e método originais” (abordado por nós no 1º capítulo desta tese), segundo os economistas José Marcio Rego, Maria Rita Loureiro, Fernando Luiz Abrúcio, Lilian Furquim, Paulo Gala e Alexandra Strommer de Godoi.<sup>22</sup> A 2ª parte, dotada de maior “tecnicidade econômica” buscar dar conta das contribuições

---

<sup>19</sup> Bourdieu trata de uma ambiguidade estrutural no campo científico: todo conflito intelectual é um conflito de poder. A dimensão política e científica está umbilicalmente interligada nas formas de sociabilidade intelectual construídas no campo científico. BOURDIEU. P. *Op. cit.* P. 41.

<sup>20</sup> Nakano é diretor da EESP-FGV, foi assessor de Bresser nas secretarias de Governo e Ciência e Tecnologia do Estado de SP nos anos 1980. Foi também assessor (secretário especial de assuntos econômicos) de Bresser quando este esteve à frente do Ministério da Fazenda (março-dez/1987) e um dos formuladores do *Plano Bresser*. José Marcio Rego fora aluno de Bresser na pós-graduação em economia da EAESP/ FGV-SP (vide tabela 6) e Lilian Furquim é coordenadora executiva da EESP desde 2003.

<sup>21</sup> Bracher foi presidente do BC entre 1985 e 1987.

<sup>22</sup> Os artigos são *A Originalidade de um inovador científico e a “recepção” de suas teorias; Construtor de Instituições; O Método Pragmático e o Método do Fato Histórico Novo*, respectivamente na ordem de autores apresentada acima.

do homenageado para interpretação do binômio crescimento econômico/crise no Brasil. Merece destaque o texto do economista José Antônio Rodrigues da Cunha sobre a tese de livre docência de Bresser, *Lucro Acumulação e crise*. Numa espécie de resenha crítica dezoito anos depois, Cunha resgata alguns elementos centrais da interpretação *bressiana* sobre o modelo clássico de desenvolvimento econômico, em especial o reexame da argumentação marxista sobre a tendência estrutural declinante da taxa de lucro nas economias capitalistas (objeto de análise de Bresser na 1ª parte de sua tese de livre docência) e no que tange aos estudos sobre “ciclos e crises” das economias capitalistas, feito pelo homenageado na 4ª e última parte de tese. Segundo Cunha, o que se busca em *Dezoito anos depois de Lucro, acumulação e crise* é “retomar alguns dos principais pontos da análise de Bresser sobre desenvolvimento econômico, progresso tecnológico e distribuição funcional da renda. Tanto os aspectos matemáticos/de teoria pura (sic), quanto os aspectos históricos daquela análise.”<sup>23</sup>

É digno de nota também, nesta 2ª parte da coletânea *Em Busca do Novo*, o relato do economista Francisco Lopes<sup>24</sup> acerca dos propósitos originais do *Plano Bresser* e que nunca chegaram a ser implementados. A analisar as contribuições teóricas para a compreensão do que ele mesmo e Bresser chamaram de inflação inercial, Lopes traça um paralelo entre os diagnósticos feitos pelos economistas “ortodoxos” e a “heterodoxia” na qual os dois estavam filiados. “Não nos convencia o diagnóstico monetarista simplista de que a inflação era apenas o resultado direto da criação excessiva de moeda em decorrência do déficit público (...)”<sup>25</sup> Havia, defendia Lopes e Bresser, um componente de memória inflacionária na economia brasileira que merecia ser enfrentado. A inflação crônica no Brasil daquela década tinha um caráter preponderantemente inercial, ou seja, a inflação passada era a principal causa da inflação presente, portanto o combate ao problema deveria ser aos mecanismos que geravam e sustentavam esta inércia inflacionária (mecanismos de indexação de salários, aluguéis, preços públicos, valores patrimoniais e ativos financeiros). “O que poucos sabiam, no entanto, é que até três dias

<sup>23</sup> CUNHA, J.A.R. *Op cit.* In NAKANO, Y *et al.* *Op. cit.* p. 173.

<sup>24</sup> Ex-presidente do Banco Central e um dos economistas brasileiros mais proeminentes à época dos chamados planos econômicos “heterodoxos”. Para um panorama das ideias que deram origem aos choques heterodoxos da segunda metade dos anos 1980, ver LOPES, F. *Inflação inercial, hiperinflação e desinflação: notas e conjecturas. Revista da Anpec*, Nov. 1984. Artigo reproduzido em 1986 na coletânea *Choque Heterodoxo: combate a inflação e reforma monetária*. Rio de Janeiro. Campus, 1986. Cap. 18.

<sup>25</sup> LOPES, C. *Plano Bresser: a versão de otenização* In NAKANO, Y *et al.* P. 215.

antes do lançamento, o plano de estabilização em que estávamos trabalhando era um plano de *otenziação* bastante diferente do que fora adotado em junho de 1987.”<sup>26</sup> Interessante perceber, e isso é grifado pelo próprio Chico Lopes ao final de seu artigo, é que há paralelos entre a versão de *otenziação* do *Plano Bresser* que nunca fora implementada e o *Plano Real* adotado em 1994. Pelo menos por um período de transição, uma outra unidade de valor seria adotada para referência de preços em geral (a Unidade Real de Valor - URV). No entanto, as diferenças cruciais entre os dois planos estaria na desindexação geral feita pela reforma monetária (reforma esta não prevista no Plano Bresser) e pelo mecanismo de âncora cambial, “insustentável com as condições de dívida externa e balanço de pagamentos postas à economia brasileira em 1987”.<sup>27</sup>

As terceira e quarta parte da coletânea em homenagem aos setenta anos de Bresser-Pereira buscaram versar sobre as suas contribuições no campo da sociologia, teoria social e da ciência política. Temas como *tecnoburocracia*, *Cultura política*, *Democracia de Opinião Pública*, *Republicanismo*, a convergência de posturas intelectuais entre o homenageado e o teórico liberal Norberto Bobbio, *Reforma da Gestão Pública* e no que tange à atuação do chamado *setor público não estatal* (ou terceiro setor)- este último retomado algumas vezes na elaboração da chamada reforma gerencial do Aparelho de Estado- são tocados nesta parte da coletânea.<sup>28</sup>

Além de contar com uma longa autobiografia intelectual, *Economista ou sociólogo do desenvolvimento*, escrita especialmente para esta publicação e a pedido dos organizadores, fica evidente a ampliação da rede construída por Bresser-Pereira para além dos limites da universidade. Os depoimentos do ex-deputado e jornalista Marcio

---

<sup>26</sup> Idem. pp 216-218. O que Lopes chama de *otenziação* era a “organização da dinâmica de preços, salários, aluguéis e valores nominais, de modo a obter uma relativa estabilidade e valores e preços em unidades de OTN” (Obrigação do Tesouro Nacional). OTN’s seriam unidades de referência para preços e valores.

<sup>27</sup> Idem. P. 228. Grifa-se que Bresser, durante o período de consolidação do Plano Real (1994 -1996) não fez parte da equipe econômica que elaborara o plano. Chegara a externalizar posteriormente críticas ao mecanismo de âncora cambial, adotado no país entre 1994 e 1999.

<sup>28</sup> Compõem esta parte da coletânea os textos de Gérard Lebrun, *O que é Tecnoburocracia*, de Olgária Mattos; *Revolução Estudantil nos anos 1960*; *Cultura Política*, de Livia Barbosa; *Sobre Desenvolvimento e Crise no Brasil* de Maria Cecília Spina Forjaz; *Democracia de Opinião Pública* de Helio Jaguaribe; *Relações internacionais do ex-ministro Celso Lafer*; *Republicanismo, Cidadania e (novos?) direitos* de Marcus André de Melo; *Capitalismo, desenvolvimento e democracia* de Adam Przeworski; *Capitalismo e Democracia* de Cícero Araújo; *Os socialismos de Bobbio e Bresser-Pereira* de Paulo Vannuchi; *Reforma da gestão pública de 1995-1998* e o duplo papel do público não estatal na reforma do Estado de Nuria Cunill Grau.

Moreira Alves, a entrevista com o banqueiro Fernão Bracher e, em especial o depoimento de Abílio Diniz dão o tom dos itinerários percorridos pelo economista ao longo de sua trajetória profissional. Em especial nos meios empresariais. Nunca fora empresário, no sentido estrito da expressão, mas circulou com bastante fluidez no campo empresarial paulista por conta de seu papel como intelectual “tradicional” (acadêmico *stricto sensu*, como vimos) e gestor/executivo de um dos maiores grupos de varejo de alimentos do país: o Grupo Pão de Açúcar. O relato do empresário Abílio Diniz é especialmente ilustrativo para compreender como Bresser conseguiu conjugar “ideias e ação”, ou seja, como um viés “pragmático”(leia-se organizador, intérprete e formulador de uma dada visão da realidade e produtor de uma *doxa* <sup>29</sup>) sempre foi parte inerente à vida e obra de Bresser-Pereira.

### Referências Bibliográficas:

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, P. *Algumas propriedades do campo* In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*, Paris: Seuil, 1994.

\_\_\_\_\_. *Os usos sociais da Ciência – Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo. Editora Unesp. 1997.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2003.

\_\_\_\_\_. *Homo Academicus*. Florianópolis. Editora UFSC. 2011.

BRESSER-PEREIRA, L. C. *Reforma do Estado e Administração Pública Gerencial*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

---

<sup>29</sup> *Doxa* para Bourdieu, e numa tradução livre, seria uma “ortodoxia, uma visão dominante e que se impõe sobre outras visões concorrentes. A *doxa* é um ponto de vista particular, um ponto de vista dominante que se impõe como universal e (re)produz necessariamente a expressão da relação entre dominantes e dominados”. BOURDIEU, P. *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*, Paris: Seuil, 1994. P. 128-129.



\_\_\_\_\_. *Economista ou sociólogo do desenvolvimento* In NAKANO, Y. REGO, J. M. & FURQUIM, L. *Em Busca do novo - O Brasil e o desenvolvimento na obra de Bresser-Pereira*. São Paulo. FGV. 2004.